



O CAMPONÊS

ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

CONQUISTEMOS A JORNAL MINIMA

Dia após dia, a noza vida torna-se mais difícil. As jornadas não sobem, antes pelo contrário, baixam. Os agrários procuram sempre pagar menos, a existência de desempregados em número crescente, anima-os a isso. Os trabalhadores não possuem outra riqueza que não seja a sua força de trabalho e os agrários sabem que se eles não encontrarem comprador para essa força, não comem.

Segundo dados oficiais, o salário médio dos operários agrícolas, tendo em conta todos os dias do ano, é pouco mais de 10000 diários, salário que nos força a uma vida de privações e angústia.

Enquanto houver exploradores, enquanto os frutos do trabalho forem parar às mãos daqueles que nada fazem, os trabalhadores não deixarão de ser espoliados. Só quando a classe operária se apodera do poder e abule a propriedade privada é que se acaba a exploração do homem pelo homem.

A luta pela conquista de melhores jornadas é tarefa constante dos que trabalham, é a única forma de impedir que os capitalistas nos reduzam à pior das misérias.

As jornadas que ganham os operários agrícolas são demasiado baixas e ainda por cima, sujeitas a altos e baixos.

A tarefa que se nos põe no imediato é a de obtermos a conquista de um salário mínimo, que repre-

sente uma melhoria real das nossas condições de vida.

A exposição que reivindica o contrato colectivo de trabalho, indica a jornada mínima de 35000 para os homens e 20000 para as mulheres. Seja qual for o trabalho em que andemos, devemos recusar-nos a trabalhar por menos. Embora a jornada apontada esteja longe de nos permitir uma vida com um mínimo de condições, a sua obtenção, nas condições presentes, significaria uma melhoria sensível das nossas condições de vida.

A jornada mínima que apontamos, não impedirá a obtenção de salários mais elevados nesta ou naquela época, como seja o caso das ceifas, antes pelo contrário, facilitará a luta por jornadas mais elevadas.

Será possível os operários agrícolas obterem a jornada mínima indicada? Sim, é possível. Os trabalhadores possuem poderosos meios para obrigar os exploradores a aceitarem as suas reivindicações e esses meios são: A UNIDADE, A ORGANIZAÇÃO E A LUTA FIRME.

Será através destes meios que nós alcançaremos a jornada mínima.

Devemos partir do princípio de que não se trata de uma luta fácil e de pouca duração. Os exploradores oporão toda a resistência possível, contam ainda com o apoio do aparelho fascista, mas nós temos sido capazes de obter grandes vi-

tórias e obteremos mais esta. É preciso que em cada localidade se discuta a jornada mínima e as formas de luta a empregar, é preciso formar comissões de unidade que dirijam a luta.

AVANTE NA LUTA PELA OBTENÇÃO DE UMA JORNAL MINIMA

FALANDO COM UM PEQUENO RENDEIRO

— Este ano é um ano de azeitona, vai deixar qualquer coisa, não?

— Amigo, de facto este ano é ano de azeitona, mas o que deixa não é para mim, é lá para os do lugar e para outros que desconheço, por que para o comerciante também não é, pois ele ganha uma bacateia.

— Então os preços estão baixos?

— Para ficar com uma ideia bem clara poderei dizer-lhe o que se está a passar. Por cada 100 litros de azeitona que mandei para o lugar deram-me 3 litros de azeite, agora fui lá levar mais uns milhares de litros, disseram-me que aquela e a que se seguisse só me dão 7,5 litros. Há diferença disto?

— Será que a azeitona é de inferior qualidade para lhe darem agora menos azeite?

Não amigo, a azeitona ainda é de melhor qualidade porque na primeira ia o restelo que é a que cai no chão. Sabe, eles fazem isto porque nós já lá temos uma certa quantidade e então valem-se disso, o que quer dizer que é uma roubalheira. Como lhe disse dão-me 7,5 litros de azeite por 100 litros de azeitona, mas no mesmo lugar deram-me há uns anos pela mesma quantidade 9,5 litros. Que outro nome se lhe pode dar se não roubalheira? Se eles já ganham quando me davam 9,5 litros, faça uma ideia do que ganham agora.

Os outros anos vinham buscar a azeitona sem levarem nada de transporte, este ano por cada fanga, ou seja, por cada 50 litros de azeitona levam 1500, o que quer dizer que nem os 7,5 litros dão. Tudo aumenta, as rendas, os adubos, etc, mas estes tipos cada vez nos pagam menos.

— Quanto aos ordenados como é que anda a pagar?

— Eu sou um assíduo ouvinte da R.P.L. e por isso tenho pago pelo que a rádio diz para os trabalhadores pedirem. Mas quero-lhe dizer que tive dias de medir a azeitona espanhada e ainda me faltarem alguns litros para pagar ao pessoal.

— Acha então que os ordenados são elevados demais?

— Não, amigo. Os ordenados não são elevados, eles são até ainda baixos, só se tornam elevados pelo que tenho vindo a dizer. Se me pagassem a azeitona por um preço razoável, podia até pagar mais.

— O amigo tem esperança da sua situação melhorar?

— Amigo, se isto continuar por este caminho e não der volta dentro de 2 anos, safo daqui sem nada. Vendi o que tinha na terra, tenho trabalhado sempre e encontro-me sem um tostão. Ando vestido como

este produto agrícola é a prova evidente das consequências dos monopólios sobre a agricultura. Porque os adubos são a alto preço? Porque quem os produz é a CUF e outros monopólios do mesmo género que só querem obter fabulosos lucros.

A luta contra os monopólios é parte integrante da luta contra o fascismo.

vê, eu e os meus familiares não temos domingos nem feriados, não vamos a festas nem a qualquer divertimento. O dinheiro que recebo agora é para a renda, para pagar a quem me emprestou para pagar ao pessoal e vamos lá ver se sobra um restozito para fazer uma seara.

— E depois na seara que se vai safar?

— Se for como as outras, por exemplo, como a da batata, que comprei a semente a mais de 350 o quilo e estou a vendê-la a 150, é o fim e não a sefa...

Esta entrevista dá-nos uma ideia da situação difícil em que se encontram os pequenos e médios agricultores.

É a luta constante pela sobrevivência. A ameaça de ruína paira constantemente sobre os pequenos agricultores. São muitos milhares aqueles que se acubram já às garras dos senhores da terra e da taxa. Os camponeses encontram a sua salvação através da luta unida com a classe operária, pela conquista da democracia, pela reforma agrária que entregue a terra a quem a trabalha.

Realizemos a Campanha Dos 10 Contos

«O CAMPONÊS» publica neste número as primeiras rubricas que nos chegaram para a «CAMPANHA DOS 10 CONTOS» de auxílio ao «O CAMPONÊS», lançada em comemoração de o número 100 de o nosso jornal.

A ideia da campanha foi bem acolhida entre os trabalhadores do campo, trata-se agora de a realizar com êxito. É preciso que todos os nossos amigos contribuam para a campanha, que saibam ir junto dos outros trabalhadores pedir-lhes a sua ajuda.

AVANTE PELO ÊXITO DA CAMPANHA.

Dezembro de 1965

Amigo do «O CAMPONÊS»...

.....	10500
Catarina Eutemia.....	36500
Camponeses unidos.....	78800
Limpeza ao fascismo.....	100800
Lutemos pela terra.....	100800
Paz e Liberdade.....	20800
Pela Reforma Agrária.....	70800
.....	37500
"Libertação de Portugal.....	40800
Sou amante da liberdade.....	82850
Um comerciante.....	30800
Um estudante Auxilia	
«O CAMPONÊS».....	5850
Um rendeiro.....	30800
Total.....	632500

CARTAS DOS LEITORES

OS PARASITAS DO CAMPO

No último número de «O CAMPONÊS» publicamos vários dados referentes à situação da pequena lavoura. Neste número publicamos mais alguns dados que nos foram enviados.

Um amigo vosso numa sua carta diz-nos: «No distrito de Portalegre, concretamente em Valmoreira, existe um agrário, o sr. Mariano Costa Pinto, dono de 40 herdades. Tem ainda 4 outros derrada, quer dizer, possui 44 herdades que levam 1400 moios de sementeira, porém, o senhor agrário só semeia 90 a 100 moios, deixando o resto inculto, entregue ao seu gado.»

Nesta terra há dezenas de pequenos agricultores, que como eu, atravessam uma situação muito difícil e ainda por cima somos espoliados por um bando de parasitas.

Tenho uma propriedade arrendada por 8 contos, porém, o meu senhorio não é o dono da terra, tem também o seu senhorio, mas só paga a este, pela terra que me arrendou, 6 contos. Quer dizer, este parasita ganha 2 contos a custa do meu suor.

UM SEAREIRO DE ARROZ

Nós, os pequenos e médios agricultores do arroz, trabalhamos nas terras dos agrários e estes impõem-nos rendas cada vez mais assustadoras, sem se preocuparem que as terras necessitam de adubos, insecticidas, mão-de-obra, etc.

Quando exigimos do senhorio as rendas mais baixas, estes dizem-nos para não darmos jornadas tão elevadas, alegando que os traba-

lhados é que nos levam o dinheiro. Pura fantasia, quem nos leva o dinheiro e todo o esforço do nosso trabalho, são as rendas, os acubos e as insecticidas que cada vez estão mais caros.

Só se importam em receber o dinheiro, saber se perdemos ou não, é coisa que não lhes interessa.

Colegas seareiros do arroz! Não são os trabalhadores que arruinam a nossa vida, mas sim os grandes latifundiários. São eles que arruinam a vida dos que trabalham, são eles que nos levam os lucros de todo o nosso trabalho.

Colegas! A terra pertence a quem a trabalha, o lucro que obtemos pertence nos e não aqueles que nunca viram uma enxada.

Acabemos com os grandes monopólios.

A causa da miséria e da ruína dos pequenos agricultores está no facto de existir em Portugal um regime de serviço dos agrários e monopolistas. Estes apoiando-se no aparelho do estado fascista, esmagam em número crescente os pequenos produtores, fazem recair sobre eles o peso fundamental da crise da agricultura.

Aos camponeses só se abre uma perspectiva — o derrubamento do fascismo e a instauração de um governo democrático através da Reforma Agrária, entregue a terra a quem a trabalha e liberte a agricultura das garras dos agrários e monopolistas.

É para a realização desta tarefa grandiosa que todos os camponeses se devem organizar e desenvolver a luta em defesa dos seus interesses.



AS NOSSAS LUTAS

E OS NOSSOS PROBLEMAS

ANO NOVO

Montemor-o-Novo — No dia 4 de Novembro concentraram-se na Casa do Povo 110 desempregados exigindo trabalho, tendo conseguido que os distribuissem para as estradas a 22\$00 diários.

— Um rancho de 25 homens e mulheres começaram a apanha da azeitona por conta do João Mouzinho, pela jorna de 26 e 16\$00, entretanto decidiram lutar por 30 e 18\$00, tendo o agrário sido forçado a dar o exigido ainda que a outros porque despediu os primeiros.

Escural — Um rancho de mulheres saíram contratadas para uma fábrica de tomate (próximo da Azambuja) trabalhando 12 horas por dia. Depois de lá estarem o patrão determinou que trabalhassem 16 horas, tendo elas protestado. No dia seguinte, como o patrão procurasse ignorar os seus protestos, elas mesmo despegaram quando chegou a hora habitual da saída. O encarregado ainda as tentou intimidar, procurando descobrir a «cabecilha» mas elas responderam-lhe firmemente que a «cabecilha» eram todas.

Wale-Figueira — Na herdade da Espadaneiras, os trabalhadores começaram a apanha da azeitona a 30\$00 homens e 18\$00 mulheres. Na semana seguinte o patrão quis baixar a jorna para 26 e 16\$00 respectivamente. O pessoal recusou-se a trabalhar nestas condições, tendo ido para outro lado por mais dinheiro.

Montargil — Os trabalhadores do lagar da D. Lurdes, começaram o trabalho pela jorna de 35\$00 e 12 horas de trabalho. No dia seguinte chegaram ao lagar 2 horas mais tarde e exigiram que de futuro lhes fossem dadas as seguintes condições: uma hora de descanço ao almoço e outra ao jantar, não trabalharem mais de 11 horas e 30 minutos, 50\$00 e comer o azeite que quisessem à conta do lagar. A patroa foi forçada a ceder.

— Também na herdade do «Monte dos Irmãos» o capataz quis forçar um rancho de mulheres que aqui trabalhava a apanhar a azeitona de empreitada, mas elas recusaram-se e continuaram pela jorna de 20\$00.

O capataz da herdade de Aldeia das Sebes, procurou contratar 10 mulheres a 15\$00, mas elas recusaram-se a trabalhar por menos de 20\$00.

— Os ranchos que saíram contratos para as regiões de Santarém ganharam a jorna de 30\$00 os homens e 20\$00 as mulheres. Os lavradores fizeram um grande esforço para que trabalhassem de empreitada, mas não o conseguiram.

Couço — Na herdade do Montinho, um rancho de mulheres que apanhava azeitona de empreitada a \$40 o kilo, tiravam uma jorna de 30\$00 diários, o agrário José Benavente baixou para \$30, como não estavam unidas sujeitaram-se. Alguns dias depois, o agrário, con-

fiado no êxito da sua manobra anterior, mandou-as para o arranque do mato com a jorna de 15\$00, mas desta vez, enganou-se, as trabalhadoras estavam unidas e protestaram, exigindo o mesmo salário. Como ele não lhes desse foram-se todas embora.

Operários agrícolas! Trabalhadores do campo! As vossas condições de vida continuarão a agravar-se. Os agrários procuram sempre pagar menos, o desemprego aumenta, a vida é cada vez mais cara.

É preciso intensificar a luta por melhores jornas, contra o desemprego, contra o fascismo, causador da vossa miséria. Seja em que trabalho fôr, não se deve trabalhar por menos de 35\$00 para os homens e 20\$00 para as mulheres.

É preciso também intensificar a organização das massas e a sua combatividade. O nosso povo derrubará o fascismo pela acção decisiva das massas populares. Devemos recorrer com mais insistência às concentrações junto das autoridades, às marchas de fome, às greves etc.

Mais um ano se passou e um outro começa. Com ele vem a esperança de que inicie a era que porá fim à nossa vida de miséria.

O ano que findou, foi mais um ano de luta do nosso povo, de todos os povos do mundo, pela liberdade e felicidade. O movimento de libertação nacional, a luta emancipadora da classe operária, a luta pela salvaguarda da causa da paz, obteve no ano de 1963 importantes vitórias, o dia em que A PAZ E A FELICIDADE REINARÁ SOBRE TODA A TERRA, ficou mais próximo.

Com o ano que acaba de começar, abrem-se-nos novas perspectivas, novas e grandes lutas nos esperam, o novo povo alcançará sem dúvida novas importantes vitórias na luta pelo derrubamento do fascismo e a instauração da liberdade.

«O CAMPONÊS» como sempre, estará ao lado de todos os que trabalham a terra, insitando-os à luta, esclarecendo-os e ajudando-os nas suas acções. Que o ano de 1964 seja um ano de vitórias decisivas de todo o nosso povo contra o fascismo, são os votos de «O CAMPONÊS».

LUTEMOS POR

35\$00 PARA OS HOMENS E 20\$00 PARA AS MULHERES

Nas Cavas dos Arrozaís

Comçam em Janeiro os primeiros trabalhos das **cavas dos arrozaís**, que abarcam vastas zonas ao Sul do Tejo.

AS CAVAS é um trabalho violento e que tão mal pago tem sido pelos agrários. A utilização das máquinas pelos grandes agrários nos trabalhos das CAVAS, tem lançado no desemprego muitos homens e mulheres. Hoje há proprietários que contratam um terço do pessoal e realizam as CAVAS em muito menos tempo. O desemprego tornou-se mais grave para os operários

agrícolas do Sado, do Sorraia, etc. Os agrários aproveitando-se dos milhares de desempregados, prepararam-se para darem ainda jornas mais baixas.

Operários dos Arrozaís! Unidos e organizados lutai por 35\$00 e 20\$00 para os homens e para as mulheres.

Esta deve ser a jorna mínima que os trabalhadores do campo devem impôr aos patrões. Não consentis que os agrários façam as CAVAS com máquinas enquanto houver braços parados.

O ALGARVE EM LEILÃO

Têm aparecido vários capitalistas, especialmente estrangeiros, a quererem comprar terras no Algarve. Os agrários descobriram que isto é uma grande «mina» e procuram desfazer-se das terras, lançando na miséria aqueles que as trabalham. Eis do que estão ameaçados 2.000 rendeiros da propriedade do «Morgado» na Quarteira. O dono da terra, o sr. Morgado só porque os estrangeiros lhe acenam com uns bons milhares de contos, não exita em sacrificar estes milhares de rendeiros.

O sr. Morgado está com medo que a «maré» pesse e a sua carteira não seja recheada com esses milhares de contos. Já preveniu os rendeiros para abandonarem as terras e para que não façam muito barulho prometeu agora a 1.000 que lhes dava terra noutra propriedade sua.

Os rendeiros não estão de acordo com os planos do Morgado, depois de se ter formado uma comissão de 7 elementos que se avistou com um advogado, como notícia o último número de «O CAMPONÊS», formou-se uma outra de 20 elementos que se avistou com o agrário, obrigando-o a recuar pelo menos até à próxima colheita.

Rendeiros da Quarteira! Com a vossa acção unida, já obtivesteis

uma primeira vitória — obrigasteis o agrário a adiar a ordem de expulsão. Não descanseis, não aceiteis a ideia de 1.000 de vós irem para novas terras, um por todos e todos por um deve ser a vossa bandeira, esta será a melhor forma de sairdes vitoriosos desta batalha.

O agrário quer que vos desligueis das terras que vos desbravasteis. ele quer dividir-vos para amanhã os aniquilar mais facilmente.

Não abandoneis a terra, esta deve pertencer aos que a trabalham, mas isto só será obtido com o derrubamento do fascismo e a instauração de um governo democrático que realize uma Reforma Agrária que entregue a terra a quem a trabalha. A vossa luta pela posse da terra é uma boa contribuição para que esse dia se aproxime.

Aos Camponeses Alentejanos

Francisco Miguel e António Gervásio, que se encontram na União Soviética, dirigiram através da «Rádio Portugal Livre», saudações aos camponeses do Alentejo. Publicamos neste número passagens da saudação de Francisco Miguel, no próximo, faremos o mesmo em relação à de António Gervásio.

Camaradas e amigos alentejanos: Estou a milhares de quilómetros do nosso país e há muitos anos que não vivo no Alentejo. Contudo, acompanho com muito interesse a vossa vida e a vossa luta.

Aproveito esta oportunidade para vos dirigir algumas palavras de comunista que nasceu e começou a lutar no Alentejo para outros alentejanos que trabalham e lutam na mesma provincia.

Além das razões de ordem geral que fazem de nós combatentes das mesmas trincheiras, há a circunstância de eu ter sentido na minha própria carne e exploração e as ofensas desses mesmos inimigos. De nada me esqueci, e compreendo cada vez melhor quanto razão temos para lutar contra esses exploradores.

A nossa provincia é boa e rica e o «celeiro de Portugal». Mas enquanto a grande propriedade latifundiária não for eliminada a vida dos camponeses alentejanos será dura e pobre. No Alentejo predomina o grande latifúndio: umas poucas dezenas de grandes proprietários têm na sua posse quase toda a terra, enquanto que a maioria da população, constituída por operários agrícolas não têm senão os braços. E é por não terem um palmo de terra sua que os trabalhadores estão obrigados a deixar-se explorar. É dessa situação que resulta a miséria dos camponeses e o atraso da nossa provincia e até de todo o nosso país. Os homens que tiram da terra o pão para todos são, finalmente, os que não têm pão em sua casa...

Entretanto, camaradas, tudo pode ser modificado. A nossa provincia e todo o nosso país podem ser libertados. Com luta tudo será resolvido. É preciso fazer a Reforma Agrária que acabe com o latifúndio e entregue a terra a quem a trabalha. Com terra na sua posse e com a ajuda técnica e financeira do Estado, com a venda dos seus produtos assegurada, os camponeses passarão a viver melhor.

A Reforma Agrária é uma medida necessária, progressiva e profundamente patriótica. Os que se opõem à Reforma Agrária são contra os trabalhadores, não querem o desenvolvimento do país, são anti-patriotas.

Mas, camaradas e amigos alentejanos, não se poderá fazer uma Reforma Agrária sem que estejam no poder forças políticas progressivas. Por isso, a nossa luta pela terra, ao mesmo tempo, a luta por um regime democrático que permita fazer essa Reforma. Temos, pois, que lutar por esse regime democrático.

A luta tem dificuldades, mas é o único caminho. Sem luta jamais o povo conquistará a liberdade. E vós sabeis por experiência própria o que é a luta. Nos últimos anos mais de 200.000 trabalhadores alentejanos participaram em greves por melhores jornas e 3 horas de trabalho. Foi uma vitória,

que nos permitiu tirar as seguintes conclusões: 1) que o governo fascista, apesar do seu grande aparelho repressivo, foi impotente para impedir as vossas vitórias; 2) que se o governo não pode impedir as pequenas lutas, que ainda não mobilizaram todos os trabalhadores, menos poderá impedir lutas maiores e mais bem organizadas. Perante a Unidade e a decisão dos trabalhadores, perante a luta de todo o povo as forças repressivas serão impotentes. Lutando unidos, os trabalhadores alentejanos poderão obrigar os patrões a aumentar as jornas e a darem trabalho todo o ano. Lutando unidos, operários, camponeses, soldados, estudantes e intelectuais poderemos, finalmente derrubar o fascismo e instaurar no nosso país um regime democrático que sirva os interesses do povo.

Camaradas e amigos alentejanos; não devemos temer a luta; devemos lutar e aprender a lutar. Muitos membros do nosso Partido estão nas prisões e por muitos anos. Eu próprio já passei 21 anos nos cárceres fascistas. Mas a nossa vontade de lutar nunca enfraqueceu; pelo contrário, é cada vez mais forte. É que a liberdade tem de ser conquistada e nós queremos que o nosso povo seja livre. Lutando poderemos libertar o nosso país, poderemos construir o socialismo para que o nosso povo também viva livre e feliz. É preciso que todas as nossas energias sejam empregadas na causa da libertação do nosso povo. O fascismo será derrotado e a grande propriedade latifundiária desaparecerá. A terra passará para as mãos de quem a trabalha.

VIVA A UNIDADE E A LUTA DOS TRABALHADORES DO ALENTEJO!

VIVA A DEMOCRACIA E A REFORMA AGRÁRIA!

VIVA O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS, ORGANIZADOR E DEFENSOR DOS CAMPONESES!

Outubro de 1963
Francisco Miguel

Oiça A Rádio

«Rádio Portugal Livre», emissora portuguesa ao serviço do povo, da democracia e da independência nacional, é uma poderosa ajuda à nossa luta pela liberdade. Os seus insistentes à luta, os seus esclarecimentos sobre a verdade da vida nacional, não podem ser abafados pela ditadura fascista.

«Rádio Portugal Livre» transmite diariamente das 7 às 7,30 horas em 50 metros, das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45 em 32 metros e das 23,30 às 23,50 em 36, 40 e 43 metros. Transmite ainda aos domingos um Programa Especial dedicado ao CAMPO, das 12 às 12,50 em 19, 20 e 26 metros.

8 DE MARÇO

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

NO próximo dia 8 de Março comemora-se o 54º aniversário do Dia Internacional da Mulher. Ao lembrar essa data, exortamos todas as camponesas a unirem-se e a darem o seu esforço generoso para a luta comum de todo o nosso povo por uma vida melhor. O apoio e a acção das camponesas para a conquista das justas aspirações quer do operariado agrícola quer dos agricultores, estão fazendo-se sentir de forma cada vez mais sensível em muitas terras. Tal contribuição será decisiva para a vitória da causa dos camponeses.